

# Sarney condena confronto com Governo

Telefoto de Gustavo Miranda

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney fez críticas, ontem, no programa "Conversa ao Pé do Rádio", a políticos, trabalhadores e empresários. Referindo-se às dificuldades que encontrou em três anos de Governo, citou tentativas de desobediência civil, uma minoria que se utilizou do Parlamento para fazê-lo uma força de confrontação — em alusão a CPI do Senado —, além de lembrar as mais de seis mil greves desde a sua posse.

"Perseguindo sempre, não nos dão tranqüilidade para trabalhar. Eles usam a guerrilha política e o terrorismo moral", disse o Presidente, acrescentando que há "grupos ultraradicais que querem decretar a confrontação e instabilidade do Poder Executivo, pregando a violência".

Sarney censurou "a tentativa sem máscara de envolver o Presidente da

República, a nível interno e externo, num processo para atingir a sua respeitabilidade". E acentuou: "Não há precedente no mundo disso. Isso deve ser classificado como irresponsabilidade e falsa avaliação das liberdades democráticas".

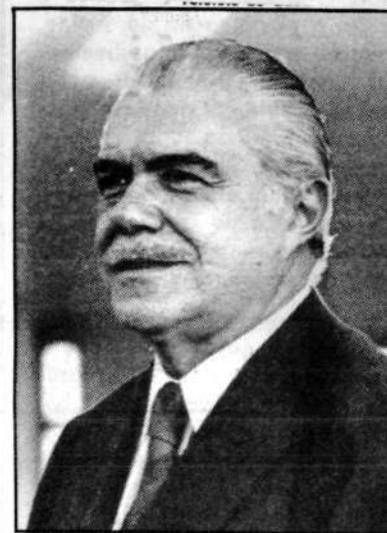
Nas críticas à Constituinte, o Presidente destacou: "Verificaremos que em 1987, mais trepidante do que as eleições, foi a Assembléia Nacional Constituinte, em grande parte voltada para os problemas conjunturais, como foi a discussão da duração do mandato, com prejuízos para uma meditação profunda sobre os destinos do Brasil".

O Presidente disse que continuará a enfrentar os problemas até a exaustão, "com serenidade, austeridade, equilíbrio e paciência", pois tem o dever de falar pelo País:

"O que nos espera se nós des-

truímos o Poder Civil? Se nós fecharmos o País à modernidade? Se nós dilacerarmos os partidos? Se nós vivermos permanentemente num clima de incitação, de conturbação e de ameaça de parar o País? Felizmente, quem faz e deseja isso é uma minoria bem definida e perfeitamente isolada", respondeu.

Referindo-se à greve contra a suspensão, em abril e maio, do pagamento da Unidade de Referência de Preços (URP), ressaltou: "É possível o Presidente da República permitir que, a título de se protestar contra uma medida, que foi tomada numa situação difícil do Tesouro, por um momento transitório, se ameace privar os cidadãos, todos, dos serviços essenciais e mais ainda a escola, a locomoção, tudo isso por motivos exclusivamente políticos?".



Sarney: "Enfrentei seis mil greves"

## "A DEMOCRACIA SOMENTE SOBREVIVERÁ LIBERTA DOS GRUPOS ULTRA-RADICAIS"

### Presidente pede que meditem sobre destinos do País

BRASÍLIA — Esta é a íntegra do pronunciamento do Presidente José Sarney no programa "Conversa ao Pé do Rádio":

"Brasileiras e brasileiros, bom dia. Quero tratar, mais uma vez, da situação nacional. Todos sabem da maneira harmonizadora, tolerante e democrática com que tenho conduzido o País. Temos três anos de paz, da maior liberdade vivida pelo Brasil. São três anos de grandes sacrifícios e, posso acrescentar, de sacrifícios pessoais, e em nenhum ano eu deixei de ter eleições. Se analisarmos mais, verificaremos que em 1987, mais trepidante do que as eleições, foi a Assembléia Nacional Constituinte, em grande parte voltada para os problemas conjunturais, como foi a discussão da duração do mandato, com prejuízo para uma meditação profunda sobre os destinos do Brasil.

"Mas nesse período nós vamos identificar também que forças desestabilizadoras, evidentemente sem êxito, se organizaram para tornar o nosso Governo inviável. Eu enfrentei mais de seis mil greves; foram todas ultrapassadas. Sem grandes traumas, enfrentamos tentativas de desobediência civil e uma minoria que se utilizou do Parlamento para fazê-lo uma força de confrontação e instabilidade do Poder Executivo. Perseguindo sempre, não nos dão tranqüilidade para trabalhar. Eles usam a guerrilha política e o terrorismo

moral. Tudo isso contra o povo, tudo isso contra o Brasil. Mas o esforço que nós estamos fazendo para sustentar a democracia no continente americano é uma obra gigantesca e histórica. Sempre conversamos quando estamos reunidos, nós Presidentes aqui da América Latina, sobre esses problemas e sobre essas dificuldades. E se analisarmos o Terceiro Mundo, nós vamos verificar que nos países subdesenvolvidos de hoje, a democracia só existe em poucos lugares como na América Latina, na Índia e mais pouquíssimos países. As baixas práticas políticas e os problemas econômicos têm levado de roldão as instituições, têm implantado ditaduras militares ou ditaduras de partido único.

"Nós, brasileiros, devemos estar atentos e lutar pela nossa democracia pluralista e aberta. Ter convicções. Convicções que não devem ser somente do Governo, mas de todos, porque todos somos responsáveis. A democracia, ela é um estado de espírito e ela somente sobreviverá liberta dos grupos de pressão ultra-radicais que querem decretar a confrontação, que incitam, perturbam, pregam a violência. Porque se o Poder civil, que não é somente o Presidente, mas o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, não tiver capacidade de dar governabilidade política ao País, será a falência do regime. A democracia vive da harmonia entre os poderes. Se um poder resolver confrontar o outro, é claro que a legalidade está rompida, o estado de direito

é, a partir desse momento, o caos; a tentativa sem máscara de envolver o Presidente da República, a nível interno e externo, num processo para atingir a sua respeitabilidade e a sua autoridade não pode ser arrolada entre as práticas democráticas. Não há precedente no mundo disso; isso deve ser classificado como irresponsabilidade e falsa avaliação das liberdades democráticas.

"Tenho absoluta tranqüilidade porque não estou falando estas coisas por mim. Continuarei até a exaustão a enfrentar os problemas com serenidade, austeridade, equilíbrio e paciência. Mas tenho o dever de falar pelo País. O que nos espera se nós destruímos o Poder civil? Se nós fecharmos as portas do País à modernidade? Se nós dilacerarmos os partidos? Se nós vivermos permanentemente num clima de incitação, de conturbação e de ameaça de parar o País? Felizmente, quem faz e deseja isso é uma minoria bem definida e perfeitamente isolada. Agora, eu pergunto: é possível o Presidente da República permitir que a título de se protestar contra uma medida, que foi tomada numa situação difícil do Tesouro, por um momento transitório, que se ameace privar os cidadãos, todos, dos serviços essenciais e mais ainda a escola, a locomoção, tudo isso por motivos exclusivamente políticos?"

"Eu quero dizer e reafirmar, mais uma vez, que eu não serei conivente com esse processo. Cumprirei o meu dever. Vou continuar

lutando pela implantação da democracia no Brasil, pelas instituições, sem perder o equilíbrio e a paciência, mas eu não posso permitir transformarmos o País no país da desordem. Quando a liberdade é desordem, cabe aos governantes usarem de seus poderes legais para a implantação da ordem com determinação e sem vacilação.

"Eu apelo, finalmente, aos trabalhadores, aos funcionários públicos, a todas as brasileiras e brasileiros que me ajudem a continuar a construção dessa grande Nação. Que ajudem a nossa democracia nesse momento de transição em que estamos construindo instituições.

"Mais uma vez eu sou um reincidente, sem dúvida, da esperança. E peço a todos, de todas as convicções, que meditem sobre o destino do País.

"Tenhamos a virtude da paz. O Brasil precisa, mais do que nunca, de tranqüilidade e de paz: elas são a base do trabalho.

"Quero reafirmar, com a minha fé, que o Brasil vencerá. Tem um povo extraordinário, esse povo que trabalha, que deseja a paz, que não está interessado em manobras políticas subalternas. Esse é o verdadeiro Brasil, dos que acreditam no nosso futuro e no nosso destino.

"Venceremos. Venceremos a crise política, venceremos a crise econômica, venceremos as dificuldades sociais. Bom dia e muito obrigado".